

análises de partes da alma, mas muito mais da diversificação existente na totalidade do centro. O centro não é, com efeito, uma parte num todo, mas é a «própria alma da alma»,⁷⁶ sem deixar de ser a totalidade.

Foi precisamente para pôr em relevo esta autonomia do centro com suas diversificações que Teresa recorreu ao simbolismo do castelo-centro, a mais adequada expressão para descrever a estrutura complexa da alma humana. Esta totalidade pode ser encarada de dois pontos de vista diferentes. Se nos situarmos no início da evolução mística, a alma pertence a uma totalidade diferenciada, realidade amorfa que poderia ser comparada a um bloco de pedra contendo potencialmente a forma de uma bela estátua. A alma, neste momento, está num estado semelhante àquele em que se encontra a alma de uma besta. O símbolo do castelo e das moradas permite circunscrever a diversidade do mundo interior. Por outro lado, para o homem que chegou ao termo de sua evolução, da perfeita realização de si mesmo, esta totalidade aparece como uma totalidade diferenciada e contida num centro.

Na vida de Teresa, as primeiras manifestações imediatas do centro aparecem desde seu noviciado, quando por esta época foi objeto de uma visão de Cristo. Esse dinamismo interior lhe permitiu realizar uma obra tanto contemplativa como ativa, embora seu corpo fosse muito frágil para suportar a intensidade desta vida nova do espírito. Sob a forma de visões e de palavras, o centro apareceu de maneira explícita na sua vida, sobretudo nos momentos mais difíceis, para lhe indicar o caminho, para aclarar sua ignorância, ou ainda para compensar os perigos de desintegração de sua personalidade e, enfim, para sustentá-la nesta vida nova. Mas algum tempo antes de sua morte, quando tinha encontrado o centro e nele se mantinha, todas as visões acabaram. Essas observações servem para evidenciar que o centro não é somente o termo da evolução, mas é, também, não só o princípio como a base dessa evolução. O desenvolvimento da personalidade deverá, pois, ser compreendido à luz desse arquétipo.

Na medida em que o psicoterapeuta fica atento aos fenômenos inconscientes da psique, também ele pode observar o quanto o centro aparece no decorrer da evolução psicológica. E' dessa maneira que C.G. Jung em seu livro *Psychologie et Alchimie*,⁷⁷ estudando uns 50 sonhos de uma pessoa, pode mostrar a manifestação progressiva desta realidade interna. Ele diz: «Dificilmente se pode fugir à impressão de que o processo inconsciente se move em espiral ao redor de um centro, se aproximando lentamente, en-

⁷⁶ Vida XXI-10.

⁷⁷ Jung, C.G. *Psychologie et Alchimie*. Paris, Buchet Chastel, 1970, 705 p.

quanto que as características do centro vão se desenhando cada vez mais claras e nítidas. Se se pudessem reverter as coisas, diríamos que o centro — incognoscível em si — age como um ímã sobre os materiais e os processos que escapam do inconsciente e aos poucos os captura numa rede cristalina».⁷⁸

Empiricamente observamos esse fenômeno cotidianamente. Desde os primeiros sonhos que surgem no começo da análise, sobretudo em sonhos iniciais, que são de alguma maneira uma reação global da psique diante da situação analítica e sua própria evolução, encontramos com uma frequência das mais significativas símbolos se referindo explicitamente ao centro da alma. Estes símbolos especificam que seria necessário abordar e viver um ou outro aspecto do centro para completar a totalidade. Eis por que esses sonhos iniciais têm um alcance incalculável no trabalho analítico. Constituem não somente uma informação sobre o prognóstico da terapia, como são a expressão mesma do dinamismo inerente à psique capaz de orientar, secretamente, todos os processos psíquicos.

A importância que atribuímos aos sonhos iniciais é amplamente justificada pela observação de que os mesmos temas simbólicos aparecem no começo da análise e reaparecem, também, no fim, contudo com uma diferença essencial: no fim do processo analítico, o sonhador torna-se capaz de estabelecer uma relação viva com a realidade psicológica simbolizada nos seus sonhos.

Temos em mente, por exemplo, o sonho de um homem de cerca de 40 anos. Um dos primeiros sonhos de sua análise mostrou que ele se encontrava à beira de uma estrada tendo na mão uma bússola, cuja agulha girava loucamente. Algum tempo depois, um carro estacionou e o conduziu (segundo-se várias peripécias). Ao fim da viagem, ele se dirige sozinho a uma montanha e colhe uma florzinha de genciana. Logo no início da análise, era difícil ao sonhador perceber o significado de seu sonho e nossa interpretação, ainda que sumária, lhe escapava. O sonho foi mesmo esquecido. Transcorridos 4 anos de análise, a genciana reapareceu nos seus sonhos. Progressivamente ela se foi transformando em outros símbolos, cujo caráter religioso não escaparia a ninguém. Numa curta interpretação, poder-se-ia dizer que a situação do sonhador no começo do sonho corresponderia à sua situação psíquica consciente, estava «desnortado». A viagem representaria aqui sua própria evolução, sua análise e a flor de genciana uma componente essencial de seu próprio centro. A flor de genciana aparecera aqui como um «tesouro a conquistar», a aquisição de um valor essencial, o fim da viagem, sendo sua própria evolução psicológica, o fim da análise. A flor, no caso, é um símbolo do

⁷⁸ Jung, C.G. *Psychologie et Alchimie*, op. cit., p. 285, alínea 325.